

O QUE PODE UMA COMUNIDADE EDUCATIVA? QUANDO UMA ESCOLA BUSCA INVENTAR MUNDOS E FORMAR PESSOAS

Alana Morari Rauber ¹
Júlia Duarte Schenkel ²

RESUMO

Este caminhar narra a experiência de uma escola pública da Serra Gaúcha que vem se reconhecendo na perspectiva de comunidade educativa. Por meio de projetos que buscam envolver famílias, estudantes e educadores, em um horizonte de formação humana pautada pela ética e pelo desejo de emancipação de todas as pessoas, entendemos a importância do pertencimento e do trabalho coletivo para a constituição da humanidade de cada um e para a formação de todos. O objetivo das diferentes ações desenvolvidas ao longo de dois anos é a constituição de uma comunidade educativa que se reconhece nos encontros de uns com os outros. Essa travessia educativa se materializa através de projetos como a Escola de Pais, o Guia da Família, o Projeto Pedagógico da Gentileza, em 2025, e o Projeto Pedagógico Cativar para Significar, em 2026. Juntos esses eixos constituem a escola e a movem em direção ao seu propósito maior: a humanização. Essa postura pedagógica está ancorada no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, documento que pulsa como bússola e encontra sustentação teórica na práxis de Freire (1977, 1991) e na filosofia de Larrosa (2017), ao propor uma escola como um território de autoria e de experiências. É nela que, através da força do coletivo, torna-se possível transformar realidades e vivenciar o desafio de ser e estar no mundo de forma compartilhada e solidária. Como ressonâncias deste percurso (interrogativo), uma comunidade educativa pode ampliar a participação da sociedade, dos pais e familiares, nas tomadas de decisões que impactam as culturas escolares cotidianas e a construção de um espaço de pertencimento, revelando a compreensão de que não se faz nada sozinho e só se é porque se está junto. Portanto, a comunidade educativa não é um destino alcançado, mas um desafio e uma proposta cotidiana que exige compromisso e dialogicidade.

Palavras-chave: Escola, Comunidade educativa, Humanização.

ESPERANÇAR: COMUNIDADE E ENCONTROS

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar;[...] Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo.

Paulo Freire (1992)

¹ Mestra em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul - Unisc, alanamorari@gmail.com;

² Mestra em Educação pela Universidade de Caxias do Sul - UCS, juliadschenkel@gmail.com.



Pensar a escola como comunidade educativa, para nós, está no sentido do *esperançar* ao qual nos inspira Freire (1992), e, com isso, fazer de outro modo. Sugere, pelo não desistir, deslocar o olhar para além das tarefas conteudistas e das matrizes curriculares, ultrapassando muros e inventando mundos. Mais do que espaço de transmissão de saberes, a escola é território de encontros, tensões, diálogos e experiências formadoras, transformadoras.

Nesse sentido, este relato narra a experiência de uma instituição pública, Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio Minella, localizada em Farroupilha, na Serra Gaúcha, que vem se reconhecendo como uma comunidade educativa, compreendendo essa denominação como uma construção coletiva que só se constitui plenamente no encontro entre sujeitos diversos e suas realidades. Partimos da premissa de que “[...] ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1977, p. 79) e, com isso, discutimos projetos que buscam envolver famílias, estudantes, educadores e demais sujeitos da comunidade em um horizonte de formação humana pautada pela ética e pelo desejo de emancipação de todas as pessoas. Entendemos a importância do pertencimento e do trabalho coletivo para a constituição da humanidade de cada um e para a formação de todos.

Guiados pela pergunta que mobiliza a discussão aqui proposta - o que pode uma comunidade educativa? - não buscamos respostas, soluções estáticas, mas, sim, convidamos à reflexão sobre as possibilidades de transformação por uma educação que se organiza humana e coletivamente, reconhecendo a importância de cada sujeito envolvido no percurso educacional. Para isso, discorreremos sobre as diferentes ações desenvolvidas ao longo dos dois últimos anos com o objetivo de transformar a escola em uma comunidade educativa que se reconhece nos encontros de uns com os outros. Dentre as materializações da travessia em andamento, destacamos projetos como a Escola de Pais, o Guia da Família, o Projeto Pedagógico da Gentileza, em 2025, e o Projeto Pedagógico Cativar para Significar, em 2026. Juntas essas iniciativas estão no cerne da constituição da escola como comunidade educativa, sendo propostas a partir de uma postura pedagógica que se ancora nos documentos legais da instituição, como o Projeto Político Pedagógico (PPP), e buscam transformá-la em território de autoria e de experiências capaz de mediar a humanização dos sujeitos que a constituem.

A metodologia adotada na construção desse percurso parte da revisão bibliográfica que tem como intuito orientar esse caminhar coletivo. A sustentação teórica está, sobretudo, na práxis de Freire (1967, 1977, 1987, 1991, 1996,) e na filosofia de Larrosa (2017), que inspiram a busca por uma escola feita para, e com, experiências, a partir do coletivo, como força solidária, e da valorização das singularidades e dos diversos saberes dos quais se



constituem os sujeitos. Há, além disso, a prerrogativa de que, feita por muitas mãos, a educação, como processo contínuo, segue em movimento e, por tal, convida todos os sujeitos ao contínuo do ‘educar-se’, a seguir transformando-se e, com isso, formando-se humanamente. Como comunidade educativa, a escola estende as linhas para além dos muros e revela a beleza de envolver crianças, adultos, estudantes, professores, a sociedade em geral, os pais e familiares, nas tomadas de decisões que impactam as culturas escolares cotidianas, a fim de criar um espaço de pertencimento a partir do compromisso, da intencionalidade e da dialogicidade.

FORMAÇÃO QUE HUMANIZA

Partindo do entendimento da educação como uma construção coletiva, concebemo-la como um ato de amor e, assim, como um ato de coragem. Compreendemos que cabe à educação não temer o debate, a análise da realidade nem a discussão criadora, pois tais temores a tornariam uma farsa (Freire, 1967, p. 97). Na perspectiva do autor, olhamos para ela como uma prática de liberdade dialógica e transformadora, a qual exige ética, solidariedade, intenção e compromisso para se desenvolver. Na busca por uma educação democrática, não podemos ignorar a vida comunitária, a realidade dos sujeitos envolvidos, por isso, a tomamos em um movimento de articulação entre escola e cidade, como sugere Freire (1991), buscando, assim, a participação popular no processo educativo. Partindo desse pressuposto, a participação popular se alinha ao conceito de comunidade educativa que adotamos neste relato, compreendendo a educação como emergente das relações entre escola, família e comunidade, como um processo dialógico e construído a muitas mãos. Alinhada a isso está a ideia de democratização da educação que se dá, também, pela participação de estudantes, famílias e comunidades como sujeitos envolvidos no processo educativos, como pares de aprendizagem contínua.

Entender a escola como comunidade educativa é percebê-la como construto social que se faz pela experiência coletiva enriquecida pelo toque das individualidades dos sujeitos. Educar é, de fato, um ato profundamente humano e, como nos lembra o autor, isso vai muito além de uma ação transmissiva, visto que é na relação de uns com outros que temos a possibilidade de aprender e vivenciar uma postura de formação, de ação, reflexão e práxis. A reflexão e a ação são necessárias para a conscientização e isso fundamenta a práxis presente na concepção de comunidade educativa que tomamos como eixo central deste relato de experiência e que, para além disso, tem sido centro da organização da escola.



Como forma de se colocar perante à sociedade e como parte dela, a comunidade educativa, compreendida a partir da perspectiva Freiriana, assume lugar de prática de liberdade, sendo aquela que reconhece todos como sujeitos de saber, se organiza a partir do diálogo, assume a educação como um ato político, busca formas de participação, de valorização, sendo orientada pela humanização como vocação ontológica. Tais perspectivas colocam, sobretudo, a responsabilidade em todos que fazem parte da escola, porque está comprometido com o *ser mais* (Freire, 1987), que faz com que o sujeito não seja objeto de sua história mas, um alguém engajado com a transformação dela.

Não há neutralidade no ato educativo, visto que toda prática pedagógica implica escolhas e posicionamentos, sejam elas para a repetição da ideia de transmissão de saberes ou para a busca por um processo de emancipação e construção da autonomia. Assim, pensar uma comunidade educativa significa assumir a educação comprometida com a participação e com o coletivo, com a reflexão crítica sobre a realidade para a ação sobre ela. A escola, ao envolver famílias, estudantes, educadores e demais participantes da comunidade, amplia sua dimensão democrática e fortalece o exercício da cidadania e da solidariedade, bem como a compreensão de que somos todos parte que a constitui e, assim, fortalece a busca por humanização, desenvolvimento, transformação e formação.

Entender que a educação se dá pelas vias do coletivo é um dos pilares da comunidade educativa, distanciando-a da ideia individualista e auxiliando-a em direção à superação da ideia de que a escola constitui-se apenas por conteúdos isolados, guardados em caixas e que, didaticamente, importam apenas para as provas e sequência de níveis. Ela não se realiza de forma isolada, mas, ao contrário, se dá pelo encontro entre sujeitos que constroem sentidos coletivamente. Essa priorização da relação dialógica gera o respeito às culturas dos estudantes e, com isso, a valorização do conhecimento que cada um carrega, sendo que, dessa forma “[...] um trabalho a partir da visão do mundo do educando é sem dúvida um dos eixos fundamentais sobre os quais deve se apoiar a prática pedagógica de professoras e professores.” (Freire, 1991, p. 82). Segundo o autor, “diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu.” (Freire, 1987, p. 45). Esse encontro, portanto, exige escuta e reconhecimento do outro como sujeito de saber, contrariando a perspectiva bancária muitas vezes em destaque. Tal concepção sustenta as práticas escolares que valorizam a formação de uma comunidade educativa que, como vimos, se firma no coletivo, na participação e no assumir a responsabilidade do processo educacional.



Dessa compreensão, nascem as propostas desenvolvidas na escola enquanto comunidade educativa, a Escola de Pais e os espaços participativos do PPP, por exemplo, demonstram como o diálogo é um princípio ontológico, ou seja, próprio da condição humana, necessário à humanização. Parte da premissa de gestão democrática, envolvemos os diversos sujeitos do processo educativo, desde os estudantes até os educadores e as famílias, concebendo-os como constituintes da comunidade e, por sua humanidade, em constante movimento de educar-se. Buscamos, a partir desse reconhecimento, criar espaços para que todos possam se educar mutuamente, já que, como um processo dialógico e contínuo, isso não está em transferir conhecimento de forma isolada e sem produzir sentidos. Trata-se, sobretudo, de uma construção coletiva, pela reflexão crítica, interação social e ação a partir do encontro com os diversos saberes que constituem as realidades.

Assumindo essa postura democrática e com clareza do papel da educação na transformação da sociedade, as ações propostas tem como objetivo constituir a escola como encontro, compreendendo que “[...] não se muda a “cara” da escola por portaria. Não se decreta que, de hoje em diante, a escola será competente, séria e alegre. Não se democratiza a escola autoritariamente.” (Freire, 1991. p. 25), já que “[...] mudar a cara da escola implica também ouvir meninos e meninas, sociedades de bairro, pais, mães, diretoras de escolas, delegados de ensino, professoras, supervisoras, comunidade científica, zeladores, merendeiras etc.” (p. 35). Por isso, o diálogo, a escuta e, assim, o acolhimento, o cativar e significar, são eixo do que propomos, compreendendo os limites da educação que, como nos inspira o autor, “não podendo tudo, pode alguma coisa” (p. 30). Nesse poder que embasa a eficácia educacional, há de se demonstrar o respeito ao processo e aos envolvidos, às singularidades das realidades e dos anseios, às crianças, aos educadores, aos pais, famílias e demais participantes da comunidade, estando claro o respeito e a corresponsabilidade, educamo-nos conjuntamente e, respeitando o território comum, o valorizamos.

DA GENTILEZA AO CATIVAR: UM CAMINHO DE ENCONTROS

A comunidade educativa tem como premissa a integração e, a partir do que propomos, buscamos conhecer o que os integrantes têm a falar sobre a escola, já que, como bem pontua Freire (1991), é preciso que consigam nos falar sobre como a enxergam e como gostariam que ela fosse, opinando sobre o que se aprende nesse território, o que é ensinado ou o que gostariam que fosse, de qual forma, construindo, assim, contratos pedagógicos de pertencimento, responsabilidade e significação. Afinal, “ninguém democratiza a escola



sozinho [...]” (Freire, 1991, p. 43). Com os projetos pedagógicos anuais, por exemplo, pretendemos que, como comunidade, possamos construir juntos, respeitando as necessidades individuais e acolhendo ideias diversas que se apresentam no caminho. Assim, da gentileza ao cativar e significar, tornar o conhecimento com o qual trabalhamos na escola um construto relacional, relevante e significativo para a formação humana, toma centro como objetivo.

Na mesma direção, a Escola de Pais e o Guia da Família são apresentados como propostas para aproximar e corresponsabilizar (neste caso, compartilhar o compromisso) com os demais sujeitos, para além dos estudantes e educadores, que constituem a comunidade educativa. Compreendemos a necessidade de que os objetivos, acordos, metodologias, sejam abertamente debatidos e que haja clareza em sua compreensão para que possamos buscar a educação na qual acreditamos: a que não é possível sem intencionalidade pedagógica clara, sem que os diferentes sujeitos envolvidos exerçam suas funções específicas a partir da corresponsabilização e engajamento na tarefa de garantir o acesso ao saber elaborado, reafirmando que a liberdade na escola não é ausência de limites, mas a assunção da responsabilidade em direção à autonomia e à emancipação de todos.

A invenção de mundos à qual nos propomos está diretamente associada ao entendimento do diálogo como precursor da transformação, na compreensão de que todos os saberes são válidos e que ao abrirmos o espaço para que a diversidade faça pouso estamos, de fato, deixando brechas para que o processo educacional seja significativo. Afinal, “[...] só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros.” (Freire, 1987, p.33). Entendemos, na perspectiva do autor, que apenas por uma educação que possibilite aos indivíduos refletir sobre a realidade é possível que se tornem capazes de atuar sobre ela. Nisso se fundamentam os projetos institucionais como práticas de reflexão-ação e constituição de uma comunidade.

Fazemos uso das palavras do autor para explicar o sonho sobre o qual temos nos debruçado, desejo que tem guiado as ações propostas:

A escola pública que desejo é a escola onde tem lugar de destaque a apreensão crítica do conhecimento significativo através da relação dialógica. É a escola que estimula o aluno a perguntar, a criticar, a criar; onde se propõe a construção do conhecimento coletivo, articulando o saber popular e o saber crítico, científico, mediados pelas experiências no mundo. (Freire, 1991, p. 83).

Pensamos, a partir dessa premissa, o Projeto Pedagógico da Gentileza, em 2025, e o Projeto Pedagógico Cativar para Significar, em 2026, como forma de superação da lógica transmissiva, considerando que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (Freire, 1996, p. 25).



Seguindo uma lógica de mediação, em oposição à transmissão, buscamos, pela proposta dos projetos pedagógicos anuais, criar um espaço educativo intencional e potencializador de experiências, gerador de aprendizagens.

Projetos que valorizam a gentileza, o cuidado e o pertencimento encontram respaldo na concepção freireana de educação como prática dialógica que envolve atenção amorosa e responsável, de modo que “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens.” (Freire, 1987, p. 45). É através do diálogo que os sujeitos se reconhecem como pertencentes e, para além disso, como seres em formação, inacabados, e, assim, tornam-se mais abertos ao compartilhamento de saberes e ao aprendizado mútuo. Uma comunidade educativa, portanto, não se organiza em torno da imposição, mas da escuta, da problematização e da construção compartilhada de sentidos.

Embora Paulo Freire não utilize sistematicamente a expressão “comunidade educativa” como categoria conceitual formalizada, a partir da perspectiva de educação como prática coletiva, dialógica e comunitária, que só se realiza plenamente com a comunhão entre sujeitos que, juntos, refletem e transformam o mundo, entendemos a comunidade educativa não como estrutura organizacional, mas como postura diante do ato de educar. Trata-se de assumir que a humanização é, em uma perspectiva freireana, vocação ontológica dos sujeitos e que a escola, quando construída coletivamente, pode tornar-se território de emancipação e de invenção de outros mundos possíveis. Assim, a comunidade educativa não é um ponto de chegada, mas um processo permanente de construção, marcado pelo diálogo, pela esperança e pelo compromisso com a transformação humana e social.

Freire (1967, 1996), defende que a educação deve promover a passagem da consciência ingênua para a consciência crítica e que a prática educativa é inseparável da ética e do compromisso com o outro, de modo que o ensinar exige o querer bem aos sujeitos envolvidos. A comunidade educativa é, nesse sentido, espaço de leitura do mundo e invenção de novas possibilidades. Ao envolver famílias, estudantes e educadores em processos participativos, a escola amplia sua dimensão democrática. Atravessada pela amorosidade, como postura ética de respeito, cuidado e responsabilidade, a comunidade educativa é pautada no entendimento da escola como espaço público de construção democrática, de formação que não se limita ao conteúdo, mas envolve a humanização, a percepção crítica e solidária da realidade. Assim, não é simplesmente um arranjo organizacional que amplia a participação das famílias, ela é, antes, construção contínua que se integra a um projeto político-pedagógico que assume a visão da educação como prática de liberdade e como exercício permanente de humanização.



Partindo da ideia de comunidade que envolve a todos e acolhe os saberes em sua plena diversidade, as experiências passam a ser pontos importantes de valorização coletiva. Amparados por Larrosa (2014, 2016), compreendemos que a experiência não se trata de uma “coisa”, de algo facilmente explicável, visto que está além dos limites da objetividade e se relaciona à significação, à forma como sentimos, enxergamos as relações e o mundo. Entendemos, assim, que “[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (Larrosa, 2016, p. 18). A partir dessa compreensão, pensamos nas propostas com foco na possibilidade de transformação. Afinal, como propõe o autor, sendo o que “nos passa”, a experiência, ao nos passar, nos forma e nos transforma. Não é possível, como destaca Larrosa (2016), didatizar, programar ou produzir a experiência de forma mecânica, visto que ela é intrínseca aos fundamentos da vida, movendo o ser humano, ela, de fato, (trans)forma. Sabendo que a experiência ocorre quando algo nos modifica de forma singular, para o que é necessário um gesto de parar para olhar, escutar, sentir com mais atenção aos detalhes, elaboramos as propostas relatadas com intuito de criar possibilidades de provocar experiência (Larrosa, 2019).

Dessa forma, os projetos pedagógicos anuais surgem como meio de ampliar os horizontes em um espaço aberto para a criação e ação a partir das necessidades específicas de cada grupo de estudantes, que, juntos, se aliam ao todo da comunidade educativa. Buscamos ambientar, por eles, ações que possam ser proposições que viabilizam a ampliação de horizontes e ser mote para que os indivíduos tenham suas experiências, sem certezas absolutas, sendo tocados e, dessa forma, atravessados pelas múltiplas vivências e suas reverberações. O sujeito é, nesse sentido, segundo Larrosa (2014), afetado por paixões, deslocado de seu conforto e de suas certezas, o que possibilita a produção de outras formas de saber, o saber da experiência .

INVENTAR MUNDOS E FORMAR PESSOAS

Acreditamos que inventar mundos exige a coragem de reimaginar o cotidiano escolar. Por isso, concebemos nossos projetos institucionais como espaços de autoria coletiva. Consolidadas as concepções que sustentam nossa práxis pedagógica, passamos a explicitar a intencionalidade dessas ações que se materializam no dia a dia, transformando a convivência em território de formação, de humanização.

A **Escola de Pais**, como a nomenclatura indica, organiza-se em ciclos anuais de encontros, articulando saberes de profissionais cuja expertise contribui para a formação



continuada e o fortalecimento do compromisso ético de pais e responsáveis na tarefa compartilhada de humanização dos sujeitos. Temáticas como os impactos das tecnologias no desenvolvimento infantojuvenil, a preservação da saúde mental e a construção ética de limites pautaram as reflexões em 2025. Partimos do pressuposto de que a constituição humana não é dada por instinto ou por 'manuais', mas produzida de acordo com a cultura em que os indivíduos estão inseridos. Compreendemos que os desafios da contemporaneidade são múltiplos e exigem de nós vigilância crítica e formação contínua, uma vez que a educação daqueles que chegam ao mundo é uma tarefa histórica e coletiva que se renova a cada geração.

Como estratégia pedagógica de engajamento, cada núcleo familiar recebe e utiliza a 'Carteirinha da Família Presente', um instrumento de registro onde a participação nos encontros é simbolizada por selos. Embora tal mecanismo possa sugerir uma lógica de recompensa, sua gênese é dialógica, tendo surgido como uma demanda da própria comunidade de pais para visibilizar e celebrar o pertencimento. Para a criança, a carteirinha atua como um instrumento mediador (signo), permitindo que ela materialize e compreenda a presença da família no espaço escolar e seu compromisso com o processo educativo.

No **projeto pedagógico da Gentileza**, desenvolvido ao longo de 2025, inspirados pela obra '*365 Gentilezas por Dia*', de Orly Wahba, compreendemos que em uma sociedade marcada por relações imediatistas e de consumo, a gentileza não é uma etiqueta obsoleta, mas uma postura de resistência. Propomos a gentileza como em três dimensões: consigo, com o outro e com o mundo. Não entendemos a gentileza como algo espontâneo, mas como uma construção social que, como outras posturas e formas de agir diante do mundo, exige intencionalidade. No cotidiano escolar, essa concepção se materializou em ações como o 'Correio da Gentileza', o 'Jardim da Gentileza' e práticas de autocuidado, onde o aprendizado do afeto se tornou tão sistemático quanto o aprendizado de outro conteúdo curricular. Sobretudo, a gentileza passou a atuar como nosso principal instrumento mediador na resolução de conflitos, sendo central também nas relações estabelecidas e nas ações reflexivas que atravessam o cotidiano. Ao questionarmos se uma ação 'é gentil', deslocamos o foco da punição para a ética da alteridade. Reconhecemos que, embora as demandas institucionais e sociais possam ter seus momentos difíceis, a escolha pela gentileza é o que nos permite manter a escola como um território de humanização plena, onde respeitar o outro é, fundamentalmente, reconhecer a própria humanidade.



Se a gentileza abriu as portas da nossa convivência, o ato de cativar é o que sustenta a permanência e a profundidade do caminho educativo em 2026. Inspirados pela ética do cuidado de Saint-Exupéry, compreendemos que cativar, na pedagogia contemporânea, transcende o afeto espontâneo: trata-se de um verbo de ação e de um esforço intencional para produzir prontidão cognitiva e emocional. Nosso projeto de 2026 é intitulado como “Percurso Minella: cativar para significar” e busca estabelecer a mediação necessária para que o conhecimento deixe de ser algo externo e passe a ser uma ferramenta de leitura do mundo que pertence ao sujeito, transformando o espaço escolar em um território de reconhecimento mútuo e responsabilidade compartilhada.

Nesta perspectiva, o projeto não se ancora em uma visão idealizada, mas no entendimento científico de que o aprendizado efetivo ocorre onde há vínculo e pertencimento, já que, como bem esclarece Freire (1977), o conhecimento se constitui nas relações, entre as pessoas e entre elas e o mundo, relações de (trans)formações constantes. Cativar é, nessa perspectiva, entender que somos fios de uma mesma trama social e histórica; ao cativarmos uns aos outros e aos nossos espaços, transformamos a escola em um ecossistema vivo. Assim, a gentileza do ano anterior se desdobra-se agora em escuta ativa e mediação sistemática, garantindo que cada estudante, do pequeno ao adolescente, sinta-se sujeito de sua própria história e parte indispensável da comunidade educativa. Há a intenção de que fique claro de que ninguém caminha sozinho, pois o vínculo é o que nos torna, coletivamente, corresponsáveis pela jornada de humanização que renovamos diariamente.

Por fim, destacamos que os projetos pedagógicos de 2025 e 2026 não são apenas diretrizes conceituais, mas intencionalidades pedagógicas que se desdobram em ações concretas em todos os âmbitos da nossa comunidade educativa. Essa articulação sistêmica abrange desde o alinhamento pedagógico e a formação continuada de professores e equipes, até o fortalecimento da Escola de Pais. Essa rede de ações coordenadas nas programações culturais — como a presença de autores na escola — e nas múltiplas e ricas práticas cotidianas em sala de aula, corroboram para a construção da educação em que acreditamos, pautada em uma pedagogia que começa pelo diálogo, pela comunicação, se consolidando na construção crítica das relações humanas. Reconhecemos, ainda, que a melhoria da estrutura física e a aquisição de novos recursos, investimentos que também vêm sendo realizados, não são fins em si mesmos, mas a garantia das condições materiais necessárias para que o encontro entre o ensino e a aprendizagem ocorra com excelência.

AFINAL, O QUE PODE UMA COMUNIDADE EDUCATIVA?



Percorrendo este caminho tão cheio de nuances e aprendizagens contínuas, seguimos em formação, educando uns aos outros e a nós mesmos, em conjunto, com a clareza de que a educação é um ato dialógico, amoroso e coletivo. Ao refletirmos sobre ‘O que pode uma comunidade educativa?’ construímos uma narrativa de muitas possibilidades, de um poder sempre algo e, com isso, poder muito. Sem concluir um caminhar de formação que é contínuo e intrínseco à humanização, reafirmamos a compreensão de que uma comunidade educativa autêntica não é um destino onde se chega, mas um horizonte em direção ao qual caminhamos. Seguiremos, pois, caminhando. Não nos apresentamos como uma instituição pronta ou infalível, mas como sujeitos em constante processo de humanização, tentando cotidianamente ser melhores através do diálogo e da ajuda mútua, buscando o *ser mais* ao que nos inspira Freire (1987).

Nesse processo de encontros e reconhecimento, pontuamos, ainda, que a nossa valorização aos professores da escola Antonio Minella é honesta e profunda, pois reconhecemos que é através da sua maestria e intencionalidade que o saber elaborado se transforma e ganha vida, ganha um contexto e por isso, se torna realidade. Mesmo diante dos desafios, fazemos muito porque fazemos juntos, transformando o ato de ensinar em uma arte de resistência e compromisso com essa comunidade escolar e com o mundo que habitamos, bem como com os diversos que podemos inventar.

Assim, consolidamos uma comunidade que não apaga sua história, mas a utiliza como alicerce: honramos a escola que já foi, com suas raízes e aprendizados; celebramos a escola que está sendo, vibrante em sua gentileza e capacidade de cativar; e projetamos, com esperança crítica, a escola que será. Ao entrelaçarmos passado, presente e futuro, reafirmamos que a educação é um percurso coletivo de liberdade. Nesta jornada inventiva, registrar nossa trajetória é a garantia de que continuaremos, com a ajuda de todos, inventando mundos e formando pessoas.

Sem dúvidas, o que uma comunidade educativa pode é chegar onde a mão sozinha não chega. Ela pode ser um caminho onde o “eu”- tão atual no individualismo que vivemos- se descobre “nós”. Uma comunidade educativa pode, enfim, inventar mundos. Ela pode dizer a cada sujeito que chega e que lá está: *"Você não está só"*. E, nessa comunhão de afetos e intelectos, ela pode provar que educar é o ato mais bonito de rebeldia contra o destino, transformando o "é assim" no esperançoso "pode ser diferente", guiados por um constante, e corajoso, *esperançar*.



REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Educa%C3%A7%C3%A3o-como-pr%C3%A1tica-da-liberdade.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2026.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* São Paulo: Paz e Terra, 1977. Disponível em: <https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Extensao-ou-Comunicacao-1.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2026.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 23. reimp. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: https://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em: 4 mar. 2026.

FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/64678e9a8c89c82dc2d6ee59/t/6553b455dda7286a5f3a077b/1699984517025/a-educacao-na-cidade-paulo-freire_11zon.pdf. Acesso em: 4 mar. 2026.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Disponível em: <https://pibid.unespar.edu.br/noticias/paulo-freire-1992-pedagogia-da-esperanca.pdf/view>. Acesso em: 4 mar. 2026.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2026.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

